

ESCOLA E COMUNIDADE

Conhecendo expectativas e propondo caminhos

Jussete Rosane Trapp Wittkowski¹
Marília de Medeiros Franceschi
João Arnoldo Gascho

RESUMO

Em análise do processo sócio-educativo por que transita a realidade da educação escolar em Jaraguá do Sul (SC), pode-se ter a impressão de um distanciamento significativo entre a intencionalidade do educador e as expectativas dos pais, podendo refletir a crise de sentido por que vem passando a escola quanto à sua função e finalidade. Fomos buscar as diferentes expectativas que pais e profissionais da educação têm com relação à educação escolar em uma escola da rede pública e a comunidade em que atua, localizadas em bairro. Procurou-se identificar, analisar e comparar representações sociais, expectativas e objetivos, traçando um perfil da situação no sentido de possibilitar uma maior aproximação, harmonia e cooperação entre escola e comunidade, o que, a nosso ver, promove a responsabilidade mútua pela educação. Utilizou-se de entrevistas semi-dirigidas através de questionário único, em visitas domiciliares, com uma amostra de 30% dos pais e 100% dos profissionais que atuam na Escola pesquisada. Percebeu-se que os profissionais desejam uma maior participação dos pais, enquanto que os pais desejam rigidez por parte da escola. Há cobranças e falta encontro entre as partes. Aproximar pais e professores em diferentes espaços é o caminho a ser trilhado. Quando estes se encontrarem para além das salas de aula de suas crianças passarão a conhecer-se mutuamente, compreendendo e dialogando sobre a educação. O resultado será grupos coesos, onde as diferentes linguagens e diferentes perspectivas se tornam aspectos positivos e construtores de uma idéia comum e em constante processo de (re)construção.

Palavras chave: ENSINO FUNDAMENTAL, ESCOLA – COMUNIDADE, COOPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

ABSTRACT

Analyzing the socio-educative process by which the reality of Jaraguá do Sul school education transits, we can have the impression of a significant distance between educator purpose and the father's expectancy, being able to reflect the crisis of meaning the school is passing in relation to its function and intent. We search the parents and professional educators different expectations regarding school education in a public school and in the community where they act, located in the neighborhood. Trying to identify, to analyze and to compare social representations, expectations and objectives, designing a situation profile in the sense of making possible a major approach, harmony and cooperation between school and community, what, in our vision, promotes the mutual responsibility on the education. It was used half-directed interviews through a single questionnaire, in domiciliary visits, with a sample of 30% of parents and 100% of the professionals who act in the researched school. We perceived the professionals desire major parents participation, whereas the parents desire rigidity from the part of school. There are charges and it lacks meeting between the parts. To near parents and teachers in different places is the way to be tracked. When they meet beyond

¹ zeti@unerj.br

the classrooms of their children, they will start to know themselves mutually, understanding and dialoguing about education. The result will be united groups, where the different languages and different perspectives become positive aspects and builders of a common idea and in constant process of (re) building.

Key words: BASIC EDUCATION, SCHOOL-COMMUNITY, COOPERATION IN THE SCHOOL EDUCATION.

EXPECTATIVAS

Refletindo sobre a importância da teoria, (Glória Anzaldúa) propõe o seu uso para melhor compreender o que acontece no mundo e, compreendendo, poder mudá-lo, embora reclame novos tipos de teoria, “teorias que rompam a fronteiras com novos métodos de teorização, como a ficção e a poesia, por exemplo... é apenas mais difícil... em vez de vir pela cabeça com um conceito intelectual, vem pela porta de trás, com o sentimento, a emoção, a experiência. Mas se se começa a refletir sobre esta experiência, volta-se à teoria”. (GARCIA. 2003. p 33)

As mudanças ocorridas na sociedade expressam a dinamicidade da cultura, produto dos movimentos relacionais e do contexto histórico e social vivenciado. Essa dinamicidade implica em mudanças que, conforme Laraia (2004. p 99) por menores que sejam, desencadearão conflitos entre os envolvidos. Todo esse movimento pode ser considerado positivo quando for bem gerenciado, pensando-se que é exatamente no conflito que se desencadeia o processo para novos aprendizados. Porém o momento social atual, de acordo com Gohn (2001. p 66) transita por uma sociedade informacional, “onde tudo passa pela organização de redes, predominando o conhecimento e a informação (...)”.

Logo, a educação², sujeito do ensino e mediador do aprendizado, não pode se excluir deste processo nem se isentar de sua responsabilidade social. Mas, como chegarmos a uma síntese razoável em que todos os envolvidos percebam-se, efetivamente, sujeitos no processo de construção do conhecimento, possibilitando a estruturação de uma rede relacional que una os retalhos e os transforme em tecido orgânico? Afinal, diferentes sujeitos constroem diferentes significados, constituindo assim diferentes anseios e expectativas.

Foi nesta direção que voltamos nossa atenção durante um seminário de que participamos e no qual se discutia políticas públicas. Um dos temas levantados para discussão foi a relação que se estabelece entre as necessidades da população, o que a iniciativa pública oferece ou poderia oferecer e o que os cidadãos desejam encontrar em tal órgão. A partir disto passamos a nos questionar com relação ao que acontece na escola, por ser esta nossa área de

² Pensemos a educação não só pela perspectiva formal, mas também a informal e não-formal. Pensemos a educação como algo abrangente, que, conforme Simson (2001, p 9), extrapola os muros da escola. (SIMSON, O. R. de M. von. **Educação não formal: cenários de criação.** Campinas, SP. Editora da Unicamp/ Centro de Memória. 2001.

atuação profissional. Surge, assim, a idéia inicial de nossa pesquisa, incomodados que ficamos por pensar nos desencontros que pudessem existir entre as famílias e os profissionais da educação. Cientes de que nosso olhar se configura a partir de onde temos nossos pés plantados (BOFF. 2002. p 9) e que também esses olhares estão em constante movimento, percebemos que tais situações de conflito poderão estar presentes nas mais diferentes instituições públicas de ensino. Logo, a questão deixa de ser pertinente à determinada escola e passa a ser de interesse da educação escolar de forma geral, salvo as particularidades detectadas de um caso a outro.

A partir dos questionamentos das relações passamos a nos perguntar o quanto do que foi discutido no seminário pode ocorrer no ambiente escolar e como reagimos a isso, seja como profissionais, pais ou apenas acompanhantes do processo. Como reagimos a essa relação, mas principalmente o que efetivamente pensam a respeito pais e profissionais da educação³. Será que aquilo que a educação escolar está oferecendo aos alunos é o mesmo que eles têm ido buscar? Será que os desejos dos pais para com a educação escolar de seus filhos vêm sendo alcançados pela educação oferecida nas instituições de ensino? E com relação aos educadores, quais são seus próprios anseios e qual a sua intencionalidade quanto à mesma educação escolar mencionada pelos pais? Seriam iguais as expectativas de uns e outros ou entram em algum tipo de conflito? Se forem as mesmas, seguem os mesmos caminhos? Conseguem convergir em algum ponto? Atingem aos seus objetivos? Ou será que se desencontram no processo? Se as expectativas entram em conflito, que conflito é esse? E após todas essas questões, perguntamo-nos ainda se é possível encontrar uma alternativa ou propor um caminho que possa ser pelo menos considerado pelos envolvidos, a fim de darmos, talvez, mais um passo na direção de uma educação mais comprometida com a realidade em que a escola está inserida, respeitando as trajetórias de vida de alunos e mestres (ARROYO, M. 2004.)

Identificar, analisar e comparar anseios, expectativas e objetivos das famílias dos alunos e dos profissionais da educação escolar quanto ao significado e papel da educação escolar, configurou-se, assim, como nosso principal objetivo, no anseio de possibilitar maior aproximação, harmonia e cooperação entre a escola e a comunidade, fundamentando e promovendo ações neste sentido.

³É importante esclarecer que entendemos por profissionais da educação todos os que estão envolvidos com o cotidiano escolar, contribuindo de alguma forma com o processo educativo seja de maneira formal ou informal. Logo, estão incluídos aí, além dos professores, a equipe gestora, serviços gerais e demais funcionários.

PARTICIPAÇÃO: EXPRESSÃO DE CIDADANIA

Nosso primeiro movimento foi delinear um público alvo de maneira concreta. Decidimos pela escola pública por sua prerrogativa de estar ao alcance de todos, desejando promover o encontro entre o pensamento acadêmico e a comunidade, bem como confrontar os conhecimentos científicos construídos na universidade e o que efetivamente se desenrola no cotidiano da educação escolar, considerando os diferentes atores sociais envolvidos no processo. Reconhecemos estes como sendo os profissionais da instituição escolar, os alunos e os pais dos alunos.

Diante disto estudamos uma estratégia que possibilitaria às pesquisadoras conhecer as diferentes expectativas, no que elas implicam e como refletem na educação escolar. A utilização de um questionário único e tecnicamente apropriado configurou-se como a ferramenta a ser utilizada na busca das informações necessárias, em entrevista semi-dirigida. Aliou-se ao questionário as visitas domiciliares para que pudéssemos conhecer a realidade em que vivem e compreender sua cultura que, conforme Laraia (2004, p 45) se constitui a partir dos meios sociais em que se socializa.

Optamos por não entrevistar o aluno ao pensarmos no paradigma dürkeimeano⁴ de educação que ainda se encontra presente na nossa cultura educacional. Não que sua opinião não deva ser levada em consideração, especialmente quando fazemos a leitura de Arroyo (2004), mas por termos optado em nossa pesquisa “confrontar” visões de pais e profissionais da educação. Ainda assim, há que se considerar que cada entrevistado pode trazer não apenas a educação escolar da região em questão, mas também outros aspectos construídos em sua história de vida.

Havia a necessidade de delimitar o espaço pesquisado. Optou-se, assim, por uma comunidade de um bairro da periferia de Jaraguá do Sul (norte de Santa Catarina), que tem como característica a busca de seus direitos enquanto cidadãos, o bairro Estrada Nova, e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcos Emílio Verbinnen que atende àquela região.

O bairro Estrada Nova tem em seu perfil aspectos marcantes como a heterogeneidade econômica, cultural e social. Esta ecleticidade pode ser percebida a partir de informações obtidas em documentos da Unidade Escolar como pesquisas sócio-econômicas, documentos e atas de reuniões de Associação de Pais e Professores – A.P.P., pais e professores. A comunidade é formada por pessoas da própria cidade e imigrantes de outras regiões e de

⁴ Lembremos que Dürkeim tem como definição de educação a ação de uma geração antiga sobre uma mais jovem. Neste sentido o educando estaria no centro da ação de dois tipos de agentes: os pais e os educadores.

outros estados brasileiros, trazendo cada um peculiaridades que vão se agregando ao que está presente, transformando e enriquecendo a já existente diversidade cultural, como poderemos observar no gráfico, mais adiante.

Neste contexto social atua a Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcos Emílio Verbinnen. Foi inaugurada em agosto de 1991 e conta, no ano de 2007, com aproximadamente 700 alunos distribuídos em 27 turmas do 1º. ao 9º. ano, incluindo uma turma no período noturno⁵. Os 60 funcionários são vinculados à Secretaria Municipal de Educação e são distribuídos em equipe administrativa⁶, docentes e serviços gerais⁷. Em uma relação de 50% há os que fazem parte do quadro docente da Instituição como efetivos, enquanto os demais atuam em regime de Acordo de Contrato Temporário (ACT). Foi junto aos funcionários lotados que efetuamos nossa pesquisa.

Iniciamos as investigações junto aos educadores, uma vez que nas observações realizadas nos estágios curriculares obrigatórios e em nosso cotidiano profissional percebemos o quanto a realidade acaba por se afastar das teorizações universitárias encontradas na formação inicial do pedagogo. Há, sim, muita boa vontade entre os educadores que, por sua vez, encontram em seu cotidiano as conhecidas dificuldades da educação – como, por exemplo, o alto número de alunos nas salas, as limitações dos recursos materiais (em muitos casos), a exígua disponibilidade de tempo para preparo de suas aulas. Aliado a isto se pode considerar a dificuldade que temos de, a cada tempo, realizar um exercício de reflexão sobre nossa própria prática profissional.

Na continuação do processo realizamos as visitas às famílias. Como o número de famílias é muito alto inviabilizava-se atingir a totalidade. Definimos que a amostragem para pesquisa seria igual ou maior a 30%. De acordo com Scherer (2004, p 20), “uma amostra deve garantir que cada elemento da população tenha a mesma chance de ser escolhido, garantindo a sua representatividade na população”. Nesta perspectiva, para a seleção dos nomes na amostragem utilizamos como critério a amostragem aleatória simples. Em sorteio selecionávamos os nomes. Quando ocorria algum imprevisto, como por exemplo, a mudança de bairro, o critério adotado foi de considerar o nome seguinte àquele.

O acolhimento demonstrado por todas as 137 famílias abordadas foi algo que surpreendeu a todo o grupo de pesquisa. Indistintamente éramos convidadas a entrar na casa. Percebemos a importância que havia para as pessoas serem ouvidas em suas opiniões. É exatamente no conhecimento e na opinião do que desejamos representar o todo que

⁵ Esta turma de 9º. ano faz parte de um projeto que atende alunos com defasagem idade/série de no mínimo 2 anos.

⁶ A equipe administrativa compreende os cargos de diretor, administrador, secretária, auxiliar de biblioteca, supervisor educacional e orientador educacional.

basearemos nossas proposições, levando em conta a importância da participação de todos na construção da cidadania, como diz Freire (1995. p 74) quando afirma que “não dá para dizer que a educação crie a cidadania de quem quer que seja. Mas sem a educação é difícil construir a cidadania. A cidadania se cria com uma presença ativa, crítica, decidida de todos nós com relação à coisa pública. Isso é difícilíssimo, mas é possível”.

CONHECER PARA (RE)CONSTRUIR

Envolvidos no processo de globalização em que estamos, não nos damos conta de todas as transformações que nossa cultura vem sofrendo. O grande número de informações a que estamos expostos cotidianamente promove em nosso cérebro transformações significativas, obrigando-nos a nos adaptar a este ritmo fazendo uma seleção muitas vezes inconsciente do que chega até nós. Neste processo as idéias coletivas vão se fragmentando por não cultivarmos o hábito da reflexão. Neste sentido Werthein (In MORIN. 2003. p 7) afirma que “há uma crise de sentido que se amplia em função da crescente complexidade e incerteza que dominam os horizontes da vida contemporânea”.

Esta crise de sentido reflete-se também no processo educativo levando a uma confusão de papéis. É preciso conhecer os diferentes atores sociais envolvidos no processo para só então se discutir, analisar e compreender as diferentes significações que a educação escolar adquiriu. Ainda que os dados demonstrem apenas um recorte da realidade, há que se considerar que eles, como recorte, fazem parte de um contexto, que houve um processo antes que possibilitou chegar onde está, bem como haverá um movimento posterior que será construído a partir do que se tem hoje – o nosso recorte.

Temos na primeira parte do questionário a identificação dos entrevistados no sentido de situá-los quanto à situação familiar e social. Na seqüência buscamos traçar o perfil sócio – econômico da comunidade seguido das questões que efetivamente abordaram a educação escolar. Procurou-se contemplar, na medida em que a ferramenta possibilitava, alcançar um maior número possível de aspectos relacionados ao foco central do trabalho, a educação escolar. Por fim há uma questão aberta que teve como objetivo ser um presente à instituição escolar que concordou em ser parceira da pesquisa, mas que também permitiu aos pais e responsáveis que responderam a livre expressão.

IDENTIFICANDO OS ENTREVISTADOS

⁷ A equipe de serviços gerais compreende os cargos de zelador, faxineira e merendeira.

Quando uma pesquisa trata de assuntos ligados à sociedade como um todo consideramos importante identificar essas pessoas. De maneira especial quando se trata de educação, é indispensável que pensemos na perspectiva do sujeito. Logo, não é possível que o resultado seja descontextualizado. Conhecer quem são essas pessoas terá influência definitiva na análise das outras questões, como também no momento da socialização dos resultados, quando é importante que cada um se encontre, se percebendo conforme Freire (2005, p 77) “não apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente”. E ainda neste sentido, perceber-se no processo, “no mundo da História e da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”.

A questão “quem respondeu a pesquisa” foi utilizada para a separação dos questionários respondidos pelos pais/ responsáveis e pelos educadores. Identificou-se que 69% dos entrevistados serem correspondentes às mães. Isto se justifica na medida em que se conhece a realidade trabalhista do bairro. Observamos que muitos pais trabalham na indústria, no chamado 2º. turno. Não há uma empresa no bairro que absorva a mão de obra da região, deslocando-se então, as famílias, para outros pontos da cidade. É um bairro essencialmente residencial. 28% correspondem ao pai e 7% a outras pessoas ligadas ao educando.

Com relação aos educadores, o índice de entrevistados de 70% alcançado pelos professores corresponde simplesmente à colocação profissional em que estes se encontram na instituição. Entre os outros 30% encontram-se especialistas e demais funcionários da Unidade Escolar.

Quanto ao grau de instrução concluído pelos entrevistados, abriremos mão de entrarmos em considerações psicológicas por não ser esta a nossa especificidade. Porém, como é uma prática comum nas empresas da região exigir o Ensino Fundamental completo, acreditamos que este fato justifique o maior índice, de 47%. O que se pode constatar, curiosamente, é que dos 4% correspondentes ao Ensino Superior, todos são mulheres.

Quanto ao gráfico dos educadores o que se percebe ao registrarmos um índice de 81% de pessoas com Nível Superior é a diferença entre a opção de trabalho de cada um no âmbito do seu concurso, uma vez que a escola envolvida é da rede municipal de ensino e é exigência da Secretaria de Educação que todo o quadro docente seja deste nível, impreterivelmente, na ocasião do concurso.

Os dados obtidos na questão que aborda o local de nascimento dos podem ser considerados uma surpresa para as pesquisadoras. Apesar de termos tido acesso aos documentos da Unidade Escolar, não supúnhamos que os números pertinentes às pessoas nascidas fora da cidade fossem tão altos – 88% dos familiares e 90% dos educadores. Era de nosso conhecimento que havia um índice bastante alto de famílias de outras localidades,

porém não se imaginou que os índices fossem tão altos.

Há alguns anos a Unidade Escolar, preocupada com os atos de vandalismo e depredação que vinham acontecendo, realizou um projeto coletivo que trabalhou as questões relacionadas ao pertencimento. Podemos perceber agora, através de dados concretos e sistematizados, o quanto uma atividade por esta via era importante não somente para alunos como também para os educadores. Algumas áreas da geografia trabalham com diferentes perspectivas de espaço. Espaço vivido, espaço ocupado. Como as pessoas têm se percebido nos diferentes espaços que as Escolas e a Cidade têm oferecido? Elas fazem parte deste espaço ou estão ali apenas de passagem, não constituindo, portanto, nenhum vínculo, nenhuma responsabilidade.

Pode-se perceber, nesta perspectiva, o quanto um trabalho que promova o conhecimento mútuo entre educadores escolares e comunidade é importante. Importante para se fundamentar ações pedagógicas que possibilitem uma sintonia entre as partes envolvidas.

PERFIL SÓCIO – ECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS

Pensou-se em questionar há quanto tempo os entrevistados moravam no bairro por haver, a princípio, a impressão (a partir das informações coletadas via secretaria da escola) de uma grande movimentação de entrada e saída dos alunos na instituição escolar no sentido da matrícula. Nos índices relativos às famílias determinam que isto não corresponde à realidade. Ainda que alguns alunos tenham sido substituídos por outros nomes em função de terem mudado de bairro e/ ou escola, há os que chegaram no meio do processo de pesquisa e que, em nenhum momento, foram destituídos da possibilidade de estarem sendo contemplados no sorteio aleatório com que definimos a seleção das famílias entrevistadas. Observe-se para isso que o índice pertinente aos que estão há pouco tempo no bairro é correspondente a 3%, enquanto os que residem no bairro há mais de 5 anos equivale a 75%.

Quanto aos educadores, 60% deles residem no bairro, o que reflete a política da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de alocar o funcionário o mais próximo possível da sua própria casa. Os 40% restantes são referentes aos profissionais que vêm de outros bairros para atuar naquela Unidade Escolar.

O que se encontrou no perfil sócio econômico do bairro foi um índice de 69% de famílias que moram em casa própria, sendo estas 60% de alvenaria. Destes, 75% moram em número de 3 a 5 pessoas na casa. Aliando as informações orais aos índices obtidos na pesquisa pode-se fazer a leitura que as pessoas que vêm para a região têm como um dos seus objetivos uma “vida boa”. Poderíamos questionar aqui o conceito que eles têm de vida boa e

não seria uma questão recente. Gascho (2004, p 21) remonta essa busca à fase mítica da consciência humana que tinha como referência a “voz dos deuses” que capacitariam aos seres humanos “a fazer juízos sobre o verdadeiro e o falso, sobre o correto e o incorreto, sobre a ‘vida boa’ e a ‘vida má’”.

“A comunidade gosta de sossego. Não gosta de quem faz bagunça ou incomoda. Faz tudo pra tirar”.⁸

Não estava no foco da pesquisa aprofundar as questões sociais locais. Logo não é possível precisar em que condições cada pessoa que tenha respondido ao questionário chegou ao bairro: se com recursos financeiros ou sem eles. Porém é significativo perceber o quanto foi construído materialmente por essas pessoas, especialmente levando-se em consideração o alto índice dos que vieram de outros estados e cidades.

Assim, é questionável o quanto do tempo dessas pessoas foi direcionado para o convívio familiar, bem como para as relações de comunidade que se estabelecem, pensando especificamente com relação à instituição escolar que atende aos seus filhos. As mesmas considerações podem ser feitas com relação aos educadores, uma vez que as situações econômicas e sociais de ambos não exibiram grandes diferenças. Nesta perspectiva, o quanto estes profissionais têm construído o hábito de investir nas relações, tanto pessoais quanto profissionais, e neste ponto pondera-se as relações escola – comunidade. Os próximos gráficos oportunizarão algo desta análise.

E A EDUCAÇÃO ESCOLAR, COMO FICA?

Ao questionarmos se, hoje, as crianças em geral gostam de ir à escola percebeu-se que o que imediatamente salta aos olhos é a grande diferença de percepção entre os pais/responsáveis e os educadores (60% dos pais acreditam que gostam sempre contra 15% dos educadores, e 31% dos pais acreditam que os educandos gostam quase sempre, contra 75% dos educadores). Podemos, analisando estes índices, confirmar as diferenças que percebíamos possíveis entre as representações e que foram citadas na justificativa do projeto, bem como consideradas nos objetivos específicos.

A diferença de conceito não seria tão relevante considerando que, na escala semântica sempre e quase sempre, refletem opinião favorável. No entanto a grande diferença no percentual que expressa a opinião dos pais e a opinião dos educadores revela uma significativa falta de sintonia entre o que os pais julgam perceber corretamente e o que os educadores percebem.

Observando-se a sociedade industrial em que vivemos e a cultura que se constitui a partir disto percebemos a presença do paradigma administrativo de Taylor (CHIA VENATO. 1994. p 9 – 11) que procurou tirar do operário seu direito de escolher suas tarefas, impondo-lhe a fragmentação de funções. Ora, esse paradigma do contexto industrial acaba sendo incorporado de tal forma que nosso cérebro ajusta outras funções a ele como a escola, por exemplo.

E, neste sentido, acabamos também por fragmentar e definir diferentes papéis sociais onde professor e escola são vistos como detentores do conhecimento, enquanto a família, por não fazer parte desta função específica legitima o poder concedido ao professor, com relação ao saber.

Propôs-se, como espaços que os educandos mais gostassem na escola o aprender sem sala de aula (a), estar entre amigos (b), biblioteca (c), merenda (d), educação física (e) e outros (f). De acordo com as respostas obtidas (para os pais: a – 27%, b – 16%, c – 19%, d – 1%, e – 33% e f – 33%; para os educadores: a – 11%, b – 36%, c – 3%, d – 3%, e – 41% e f – 6%) não há como não questionar o sentido que se têm dado à educação, tanto pelos pais quanto pelos educadores. Que representações temos construído a partir de nossa própria experiência educacional e o quanto elas refletem na maneira com que fazemos a leitura das falas de nossos educandos?

Arroyo (2004. p 323) destaca, no capítulo “Reinventando Convívios” as questões relativas às relações que se estabelece no espaço escolar. A partir dos gráficos concluiu-se que é exatamente nos espaços que possibilitam esse convívio que há uma maior preferência por parte das crianças sob a ótica tanto dos pais quanto dos educadores.

Porém, quanto à questão do aprender em sala de aula, se da parte dos pais se confirma à legitimação do poder, por parte dos educadores preocupa que eles assim o percebam, uma vez que nos leva a perguntar como os educadores estão vendo sua própria profissão. Arroyo (2004. p 9) fala de “tensões mais profundas” para os educadores, que “estão em jogo nossas próprias auto-imagens. Inseparáveis das imagens que nós fazemos dos educandos”.

No momento em que a situação se inverte e o que se pergunta é do que a criança menos gosta na escola mais uma vez podemos perceber a influência das relações interpessoais no ambiente escolar, como em qualquer outro lugar. No espaço da escola este aspecto precisa ser pensado pedagogicamente, no sentido da “importância que o convívio tem no desenvolvimento e nas aprendizagens” (ARROYO. 2004. p 326), propiciando um desenvolvimento do sujeito como um todo.

⁸ Fala de uma mãe no decorrer de uma conversa.

As questões propostas foram as mesmas com as seguintes respostas: para os pais: a – 13%, b – 4%, c – 12%, d – 31%, e – 6% e f – 34%; para os educadores: a – 36%, b – 0%, c – 4%, d – 8%, e – 52% e f – 0%.

Porém observar que a equipe de educadores, formada pela maioria de professores, considera o espaço da sala de aula um local não agradável é preocupante, no sentido de estarmos reavaliando as práticas educativas. Conforme Arroyo (2004. p 18), “o pensamento pedagógico se revigora quando cultua uma secreta aliança e cumplicidade com a infância real”. O que, enquanto educadores, temos feito a respeito?

O que se pode pensar do momento da merenda seria com relação ao convívio. Alguns itens que fazem referência a isto surgiram fortemente em “outros”. Percebemos, no decorrer das análises, que outros fatores importantes poderiam ter sido incluídos com alternativas, como, por exemplo, as atividades extras curriculares, direção e espaço físico da escola.

Desejava-se saber qual aspecto da educação escolar os entrevistados julgavam mais importante. O que se pode perceber foi que, observando a evolução da educação na perspectiva histórica veremos que ela se torna, a partir do movimento da Revolução Industrial, uma ferramenta para a preparação das pessoas para o mercado de trabalho. É importante percebermos o quanto este paradigma está cristalizado na nossa cultura. Perguntamo-nos sobre a “crise de sentido” (WERTHEIN. In MORIN. 2003. p 7) por que vêm passando a escola quanto a sua função e a sua finalidade, estando, no formato em que se encontra começando a não responder mais ao anseio de ascensão social (VASCONCELLOS. 2001. p 85).

Há ainda uma diferença significativa com relação à importância dada a construção de conhecimentos. Esta, por parte dos educadores, mantém sua relevância ainda que a questão pertinente à formação da cidadania alcance grande destaque. No entanto, para os pais, têm se configurado de importância ainda maior a formação da cidadania, enquanto o item conhecimento sofre uma queda preocupante. O quanto podemos construir de cidadania sem conhecer o mundo, a sociedade, o sistema em que vivemos e os processos que nos possibilitaram chegar até este ponto? Freire (2005. p 41) fala da importância de “assumirmo-nos como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador (...)” Como assumirmo-nos sem o conhecimento de como nos constituímos?

Pensando se a educação escolar, hoje, atende ao que você deseja (para os pais) / alcança os objetivos a que se propõe (para os educadores), obteve-se uma resposta satisfatória dos pais correspondente a 85% (sempre e quase sempre), bem como dos educadores (70%).

Ora, “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE. 2005. p 98), entendendo que aprendemos e nos (re)construímos nas relações que estabelecemos ao longo de nossa vida. Perceber que a educação escolar tem conseguido alcançar as expectativas, ainda que entre percalços e diferenças é extremamente promissor. Perceber que as relações estabelecidas pelos alunos têm contribuído para que ele se constitua cidadão é, efetivamente, um dos aspectos mais gratificantes do ser educador. Pois neste sentido significa que o aluno, enquanto sujeito de sua história consegue perceber o outro também como sujeito de direitos.

ESCOLA DA COMUNIDADE, COMUNIDADE DA ESCOLA?

Apresentamos este aspecto no sentido de conhecer o quanto uma interage com a outra. Assim, retomando a perspectiva do “sempre e quase sempre” na escala semântica, é significativo perceber que ambos os lados estão absolutamente receptivos, favorecendo a construção de pontes entre as diferentes significações, favorecendo a construção de um clima de co-responsabilidade entre as famílias e a educação escolar.

Ficou claro a abertura que ambos percebem um no outro. Considerando isto, o elemento que faltava nesta situação é alguém que sistematizasse as informações e socializasse entre as partes, promovendo a aproximação e o início de um movimento sinérgico entre os profissionais da instituição escolar e as famílias dos alunos. Este movimento contribuirá de forma concreta para “a construção de uma escola melhor para todos, capaz de contribuir para o desenvolvimento do nosso país e de fornecer saberes e competências que nos auxiliem na busca da felicidade e do bem-estar social” (org. LODI. 2003. p 4)

Quando tratamos da participação nas atividades extra-curriculares desenvolvidas na escola o índice de 49% de pais que participam apenas algumas vezes das atividades extra-curriculares de seus filhos vem confirmar a necessidade de um desencadear de uma aproximação. O que vêm mantendo estes pais não tão próximos da educação escolar de seu filho? Da mesma forma é questionável o que tem desmotivado o profissional da educação a estar presente nos momentos em que poderia estar se aproximando da família do seu aluno e reconhecendo ali o “sujeito real” (ARROYO. 2004) além do sujeito cognitivo? Considerando todos os aspectos já levantados, o que se poderia estar propondo?

APROXIMANDO OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO

A educação, hoje, assume três especificidades⁹: a formal, a não formal e a informal, e juntas dão conta da complexidade que é o ser humano. Nesta perspectiva é que queremos apresentar a educação, como co-responsabilidade entre escola e famílias. A aproximação efetiva destes dois sujeitos de ensino (intencional ou não) se configura como necessária para uma construção plena do direito de ser do educando. Se somente atuarem em espaços separados nossas crianças e adolescentes se constituirão seres humanos fragmentados, parte social, parte familiar, parte cognitivo.

Arroyo, em seu livro *Imagens Quebradas*, apresenta uma perspectiva fragmentada do aluno e seus reflexos na construção do sujeito. Assim como ele, as pesquisadoras também defendem a necessidade da aproximação dos diferentes atores sociais, pois que se conhecendo suas atitudes “conversarão” e conhecerão o aluno como um sujeito real e completo. Do contrário,

sabendo-se pouco sobre eles, não teremos condições de capacitá-los para se entender e para entender o mundo em que lhes toca viver. Estaremos lhes negando o mais radical do direito ao conhecimento desde os tempos socráticos: saber-se, entender-se, compreender com profundidade sua condição social, histórica,, humana. (ARROYO. 2004. p 104-105)

Concebendo a cultura como movimento e, portanto, não estanque, é preciso que (re)signifiquemos nossas relações. Por quê lugar de pai e mãe tem que ser em casa? Por quê lugar de educador tem que ser dentro da escola? Há possibilidades diferentes de ambas as partes.

Propomos, como possibilidade, a ida dos professores à realidade dos seus alunos, em formato de visitas informais e de maneira aleatória, preferencialmente em seu próprio horário de trabalho. É uma ação e uma proposição absolutamente simples, mas de eficácia comprovada no desenvolvimento desta pesquisa. Partindo do pressuposto de trabalharmos a partir da realidade do aluno, o conhecimento dele na sua integralidade social e comunitária possibilitará ao professor e aos demais educadores o conhecimento de aspectos necessários para compreender suas reações e suas atitudes. De posse dessas informações poderá fazer uma reflexão sobre elas estruturando ações pedagógicas compatíveis com a problemática.

Ainda a partir destas visitas o segundo efeito será a aproximação das famílias, desconstruindo o paradigma de que o professor é o detentor de todo o conhecimento e percebendo-o apenas como o outro que me ajuda a me (re)construir, mas que possui

⁹ SIMSON (orgs). 2001. p 9.

habilidades específicas em uma determinada área como qualquer outro profissional capacitado. Com este novo olhar pais e mães se sentirão mais à vontade para interagirem na educação escolar de seus filhos. Isso não significa uma transferência de responsabilidades, mas uma sincronia de idéias a respeito de um mesmo tema. “Eu sei o que você quer e o ajuda e você compreende também o meu objetivo e contribui comigo”. Uma troca psicológica.

Outra possibilidade é estar trabalhando a partir da auto-estima dos pais, convidando-os a se fazerem presentes em sala de aula, socializando com seu filho e os colegas dele as habilidades e competências que com certeza os pais têm. Seria um movimento de alteridade. Educadores são também pais e mães. Quando que pais e mães poderiam estar se sentindo educadores formais e compreendendo as dificuldades que o docente encontra no seu cotidiano?

Segundo Ribeiro (2005. p 21 – 22), pesquisas realizadas pela *American Audiovisual Society*, “o ser humano retém 20% do que escuta, uns 30% do que vê, uns 80% do que ele mesmo pode expressar e uns 90% do que ele faz”. Assim se justifica a presença dos pais em sala de aula que perceberão a partir de sua própria experiência o sabor e os possíveis dissabores da docência. Por quê não unir conteúdos curriculares com conhecimentos específicos dos pais? Por quê não estarmos estabelecendo entre escola e comunidade uma verdadeira parceria, permitindo a criatividade de cada um em favor do coletivo? Que tal provocar “coceira nas idéias” da comunidade, permitindo que ela participe dos processos emancipatórios da educação? É preciso começar. “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos”. (FREIRE. 2005. p 32)

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **Imagens quebradas:** trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ. Vozes. 2004.
- BOFF, L. **A águia e a galinha.** 38 ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 2002.
- CHIAVENATO, I. **Administração:** teoria, processo e prática. 2 ed. São Paulo. Makron Books. 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.
- _____. 1995. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 31 ed. São Paulo. Paz e Terra. 2005.
- GARCIA, R. L. In MOREIRA, A. F.; SOARES, M. (Org.). **Para que investigamos – para quem escrevemos:** Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador.
- GASCHO, J. A. **Do mito ao genoma:** a ética na contramão da história. Jaraguá do Sul, SC. UNERJ. 2004.
- GOHN, M. da G. **Educação não formal e cultura política:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo. Cortez. 2001.
- LARAIA, R. de B. **Cultura:** um conceito antropológico. 17 ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2004.

LODI, L H (org). **Ética e cidadania:** construindo valores na escola e na sociedade. Brasília, DF. Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Ministério da Educação, SEIF, SEMTEC, SEED. 2003

RIBEIRO, A. E. do A. **Pedagogia Empresarial:** atuação do pedagogo na empresa. 3 ed. Rio de Janeiro. Wak. 2005.

SCHERER, S. **Estatística Aplicada à Educação.** Jaraguá do Sul, SC. UNERJ. 2004.

SIMSON, O. R. de M. Von. **Educação não formal:** espaços de criação. Campinas, SP. UNICAMP/ Centro de Memória. 2001.

VASCONCELLOS, C. dos S. **O professor como produtor de sentido para a escola.** Revista da Educação. São Paulo. N. 118. p 80-99, jan./mar. 2001.

WERTHEIN, J. In MORIN, E. **Educar na era planetária:** o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e na incerteza humana. Brasília, DF. Cortez. 2003.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE JARAGUÁ DO SUL – UNERJ
Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica – FAPESC

1. Quem respondeu à pesquisa:

- a.()Pai b.()Mãe c.()Outro
d.()Professor e.()Funcionário

2. Grau de instrução concluído:

- a.()1ª. à 4ª. Série b.()5ª. à 8ª. Série
c.()Ensino Médio c.()Ensino Superior

3. Nascido em:

- a.()Jaraguá do Sul b.()Cidade vizinha à Jaraguá do Sul (máximo de 100 km de distância)
c.()No estado d.()Fora do estado

4. Há quanto tempo mora no bairro:

- a.()Até 1 ano b.()De 1 a 5 anos c.()De 5 a 10 anos
d.()Mais de 10 anos d.()Não mora

4.1. Mora em:

- a.()Casa própria b.()Aluguel

4.2. Casa de:

- a.()Alvenaria b.()Madeira c.()Mista

Quantos cômodos?

4.3. Quantas pessoas moram na casa: ()

5. Hoje as crianças, em geral, gostam de ir à escola?

- a.()Sempre b.()Quase sempre
c.()Algumas vezes d.()Nunca

6. Do que a criança mais gosta na escola? (Até duas opções)

- a.()Aprender em sala de aula b.()Estar entre os amigos

- c.()Biblioteca
e.()Educação física
- d.()Merenda
f. ()Outros. Qual?

7. Do que a criança menos gosta na escola? (Até duas opções)

- a.()Aprender em sala de aula
c.()Biblioteca
e.()Educação física
- b.()Estar entre os amigos
d.()Merenda
f. ()Outros. Qual?

8. Qual aspecto da escola você julga mais importante? (Até duas opções)

- a.()Meio de inserção da criança e do adolescente na sociedade.
b.()Busca pelo conhecimento.
c.()Formação do cidadão (direitos e deveres).
d.()Futuro emprego.
e.()Que tenham um lugar seguro para ficar.
f. ()Que eles aprendam bons costumes.

9. Em sua opinião, a educação escolar hoje:

Para os pais ou responsáveis: atende o que você deseja?

- a.()Sempre
c.()Algumas vezes
- b.()Quase sempre
d.()Nunca

Para os professores ou funcionários da Unidade Escolar: alcança os objetivos a que a educação escolar se propõe?

- a.()Sempre
c.()Algumas vezes
- b.()Quase sempre
d.()Nunca

10. Como é a relação entre a escola e a comunidade:

10.1. A escola está sempre envolvida com as situações da comunidade?

- a.()Sempre
c.()Algumas vezes
- b.()Quase sempre
d.()Nunca

10.2. A comunidade está sempre envolvida com as situações da escola?

- a.()Sempre
c.()Algumas vezes
- b.()Quase sempre
d.()Nunca

11. Você participa das atividades extra curriculares desenvolvidas na escola?

- a.()Sempre
c.()Algumas vezes
- b.()Quase sempre
d.()Nunca

12. Para você, qual é o aspecto mais importante a ser melhorado na educação escolar, pensando na E.M.E.F. Marcos Emílio Verbinnen?

.....

13. Existe algum aspecto ou situação que não foi citado na pesquisa e que você considera importante para a educação escolar? Qual?

.....